

Percepções sobre o Estatuto Socioprofissional dos Professores de Educação Física em Portugal

António Gomes Ferreira

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

José António Marques Moreira

Departamento de Educação e Ensino a Distância, Universidade Aberta

Joaquim Armando Ferreira

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

Resumo

Apesar de algumas honrosas iniciativas, o ensino da Educação Física em Portugal tardou em generalizar-se e em ser devidamente valorizado por outras pessoas que não os que a ele estavam ligados. Na verdade, a disciplina de Educação Física e os seus professores foram claramente considerados com um estatuto “periférico” em relação às outras disciplinas e aos outros professores, durante quase todo o século XX. Em face das alterações dos últimos decénios, entendemos interessante estudar como os professores de Educação Física percebem o estatuto que lhes é reconhecido por professores de outros grupos disciplinares e também pelos seus alunos, funcionários da escola e a comunidade não escolar. Recorrendo a uma metodologia de cariz qualitativo, o estudo centrou-se num grupo de quinze professores com formações iniciais distintas na área disciplinar de Educação Física realizadas nas instituições mais marcantes de Portugal, que existiram desde a década da 40 até ao fim do século XX. Concluímos que existe alguma indefinição e falta de consenso, relativamente ao que os outros actores pensam sobre o estatuto dos professores de Educação Física. Enquanto uns professores, sobretudo os formados pelos ISEF’s, têm a percepção que os outros docentes e a comunidade não escolar não reconhecem o seu valor tratando-os como “os parentes pobres” do ensino e pertencentes a uma “segunda linha” de educadores, outros há que percebem a existência de um reconhecimento do seu valor e um tratamento idêntico. Mais consensuais parecem ser as percepções relativas ao entendimento dos alunos e dos funcionários, porquanto o nosso estudo tende a mostrar que os professores de Educação Física sentem que aqueles lhes atribuem um estatuto idêntico aos dos docentes de outras disciplinas.

Palavras-chave: Educação física, professores, estatuto socioprofissional.

1. Introdução

Podemos afirmar, com alguma convicção, que o processo de profissionalização dos professores de Educação Física e a tomada de consciência profissional só se iniciou, verdadeiramente, em 1940 com a criação do Instituto Nacional de Educação Física (INEF). Com efeito, com o INEF operaram-se mudanças muito importantes que contribuíram decisivamente para a criação de um *corpo* e identidade profissional na área da Educação Física. Desde então, passou a haver uniformidade na profissão, através da unificação do recrutamento, certificação e modelo de formação único e sistematizaram-se os conhecimentos com a tentativa de integração das diversas componentes de formação (científica, pedagógica e pedagógico-didáctica) nos três anos de curso. E, mais importante ainda, surgiram professores cuja única missão e profissão eram o magistério da Educação Física, porque até aí o cargo era sobretudo para médicos ou oficiais de exército, que viam esta profissão de professor como algo acessório (Gomes, 1991).

No entanto, e apesar da constituição deste *corpo* profissional, as décadas de quarenta, cinquenta e sessenta, caracterizaram-se por uma baixa valorização destes profissionais, tendo em conta o tipo de formação que tinham e as desigualdades que foram vítimas relativamente aos professores de outras disciplinas. Durante bastante tempo, foram vários os profissionais que defenderam a equiparação dos professores de Educação Física aos restantes professores do ensino secundário, considerando não apenas as suas habilitações ao nível do curso superior como ainda as suas responsabilidades educativas enquanto responsáveis pela formação dos jovens. No boletim do INEF, referindo-se aos professores de Educação Física, João de Barros salientava que os seus honorários constituíam “cerca de metade do vencimento dos colegas de outros grupos” e rondava, também no seu entender, cerca de 50% do que esses professores precisariam para viver (1959, p.32), situação injusta, porque não havia “qualquer razão, pedagógica ou científica, capaz de justificar a inferior situação da educação física e da música, e dos respectivos professores, na organização escolar nacional” (1959, p. 33).

No início da década de sessenta, esta situação de menoridade ainda era uma realidade, já que aos professores de Educação Física estava vedada a contratação como efectivos e, na melhor das hipóteses, eles se encontravam na situação de contratados do quadro de Educação Física. Assim, a diferença não estava apenas nas remunerações mas também no tipo de relação laboral que estes docentes tinham. Dado que a única razão invocável para justificar a diferença de tratamento entre os professores das chamadas disciplinas “nobres” e os de Educação Física residia no estatuto não universitário do curso superior de Educação Física, percebe-se a

referência permanente, nos discursos da época, à defesa do carácter universitário da formação em Educação Física.

Contudo, a tentativa de alargamento do quantitativo de agentes de ensino da Educação Física fez-se através da criação dos cursos de Instrutores de Educação Física (EIEF). Estes cursos de menor duração foram contestados por muitos profissionais da área, porque, na sua opinião, representavam um retrocesso no processo de formação que se vinha a delinear desde o início da década de quarenta. Considerados como uma espécie de professores “à pressão”, formados em apenas dois anos, incorporando certamente indivíduos de origem social mais modesta e mais mulheres, ameaçaram a requalificação da Educação Física, criaram instabilidade e uma imagem de facilismo que abalou um pouco o *espírito de corpo* profissional, formando uma divisão dentro da própria classe profissional e conflitualidade ao redor das questões de hierarquização (Crespo, 1976).

A situação de inferioridade dos profissionais de Educação Física relativamente aos colegas de outras áreas manteve-se durante muitos anos, sem que os governantes entendessem fazer justiça a uma classe que já há muito tinha dado provas, mais do que suficientes, da sua competência (Rosário, 1996). Efectivamente, na primeira metade da década de setenta esta situação de inferioridade ainda era uma realidade bem evidente, não conseguindo a Educação Física afirmar-se como uma disciplina importante tanto entre os restantes professores quanto entre a generalidade dos portugueses. A partir de 1974, a situação melhorou com a integração da formação em Educação Física no ensino superior universitário e a publicação de uma série de diplomas que valorizaram a importância do ensino da Educação Física (Brás, 1996) no sistema educativo. Apesar deste reconhecimento estatal, o professor de Educação Física, de acordo com alguns autores, continuava a ser subestimado por um estrato relativamente grande da “inteligência” nacional, mesmo se, por formação e especificidade de tarefas, se pudesse incluir nesse estrato (Bento, 1986; Crespo, 1992). Na verdade, ainda que não fosse apelidada de disciplina auxiliar, a Educação Física era mantida fora do núcleo dos valores humanísticos, científicos, estéticos ou da modernização (Carvalho, 2002), o que lhe prejudicava o reconhecimento da sua importância. Desse modo, apesar de os licenciados em Educação Física “saborearem”, nos primeiros anos da década de oitenta, o estatuto universitário atribuído à sua formação, ainda não se tinha dado o pretendido reconhecimento social generalizado. No final da década vão surgindo progressivamente um conjunto de situações que contribuem para a diferenciação do estatuto profissional e para a complexa situação da Educação Física como disciplina escolar e como domínio de conhecimento. Real ou aparente esta crise era percebida num período em que surgiram vários cursos

na área de Educação Física e Desportos, alguns tidos sem a qualidade desejada, que trouxeram consigo uma certa divisão e desorientação conceptual, metodológica e deontológica (Januário, 1995). De facto, o aparecimento de novos cursos e novas instituições de formação de professores de Educação Física, umas pertencentes ao subsistema do ensino superior público universitário e outras ao politécnico e outras ao privado, deu ocasião a tensões e conflitos resultantes de formações com diferente saber e prestígio. Embora os indivíduos formados nas instituições universitárias públicas e os indivíduos formados nas outras instituições fossem todos professores de Educação Física, acabavam por ser diferenciados no estatuto e na legitimação, o que contribuiu para uma certa desvitalização profissional. Foi, pois, com base neste contexto que procurámos desenvolver um estudo que analisasse a forma como o professor de Educação Física percepciona a importância que os professores de outros grupos disciplinares, os alunos e os funcionários da escola lhe atribuem.

2. Metodologia

Neste estudo pretendemos, fundamentalmente, analisar como um conjunto de professores de Educação Física, de escolas do Ensino Básico (7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade) e Secundário (10.º, 11.º e 12.º anos de escolaridade) portuguesas, percepcionam a importância que os professores de outros grupos disciplinares, os alunos e os funcionários da escola lhe atribuem. A natureza da indagação levou-nos a considerar pertinente um estudo qualitativo, onde o discurso directo se submete a uma lógica interpretativa, que, ao enquadrar e explicitar a posição dos professores entrevistados, pretende dar conta de como os docentes de Educação Física se relacionam no seio do seu grupo disciplinar no actual contexto escolar português. Situando-nos, portanto, num quadro de um paradigma não positivista e interpretativo de natureza fenomenológica e ideográfica (Cohen e Manion, 1990) recorreremos, nesta investigação, a uma metodologia de cariz qualitativo que põe a tónica na revalorização da “pessoa”, como sujeito de conhecimento capaz de reflectir, de racionalizar, de comunicar e de interagir (Pujadas Munoz, 1992).

Com o intuito de suscitar a emergência de dados referentes ao estudo, recorreremos à utilização da entrevista semidirectiva e para analisar os dados provenientes dessa entrevista recorreremos a uma técnica de investigação capaz de codificar as declarações aparentemente desordenadas: a análise de conteúdo (Holsti, 1969; Berelson, 1971; Bardin, 1977; Krippendorff, 1980; Ferrarotti, 1986, Vala 1986).

A nossa amostra foi constituída por um grupo de quinze entrevistas a professores (Quadro 1) com formações iniciais distintas na área disciplinar de Educação Física,

realizadas nas instituições mais marcantes do nosso país durante o século XX: o Instituto Nacional de Educação Física (INEF), criado em 1940; as Escolas de Instrutores de Educação Física; os Institutos Superiores de Educação Física (ISEF) de Lisboa e Porto; e as Faculdades de Ciências, de Desporto e de Educação Física, criadas a partir do início dos anos 90.

Quadro 1 - Amostra do Estudo

Código	Instituição Formação Inicial
E2, E13, E14	Instituto Nacional de Educação Física (INEF)
E10, E12	Escola Instrutores Educação Física (EIEF)
E1, E4, E7, E8, E10, E11	Instituto Superior de Educação Física (ISEF)
E3, E5, E6, E9, E15	Faculdades de Desporto e Educação Física (FAC)

Após a nossa decisão em estudar este grupo de profissionais, procedemos à sua selecção de uma forma não aleatória e sem procurar obter uma “representatividade” objectiva, dado o carácter qualitativo da metodologia. Esta selecção procurou garantir a maior diversidade possível de experiências e características pessoais e foi efectuada com base nos percursos de formação inicial (instituições de formação).

Com este procedimento pretendíamos que a nossa amostra fosse constituída por professores que tivessem percursos de formação diferentes em períodos históricos distintos, com tempo de serviço e posições na carreira diferenciadas no sentido de nos aproximarmos do conceito de amostra de variação máxima.

3. Análise

Como já referimos anteriormente, temos a preocupação de considerar na nossa análise sobre o reconhecimento do estatuto dos professores de Educação Física as diversidades de formação inicial dos sujeitos que compunham este grupo docente na primeira década do século XXI. A ideia central do estudo é a de que a percepção do estatuto dos professores de Educação Física não é alheia nem da sua formação inicial nem do modo como estes docentes relacionam as suas projecções provenientes dessa formação com os outros colegas da mesma área e com os docentes de outras disciplinas bem como com os alunos, funcionários e sujeitos da comunidade com quem se relacionam na sua actividade profissional. Nesse sentido procurámos indagar como os professores de Educação Física provindo de diferentes escolas de formação percebem a importância que os professores de outros grupos disciplinares, os alunos e os funcionários da escola lhes atribuem.

Para o efeito apresentaremos a informação proveniente das entrevistas, também, em quadros, com o objectivo de exemplificar a relevância de algumas das suas opiniões. Pensamos que a escolha deste modelo organizativo da informação, que permite estudar as representações dos professores de uma forma sistemática e analítica, permitirá uma mais adequada visualização do quadro geral representativo das suas percepções. E em terceiro, dizer que as unidades de registo referentes a esta dimensão foram sinalizadas com as expressões de *Plena Aprovação (+)*, *Plena Reprovação (-)* e *Ponderação (+/-)*.

Por indução, baseada nas respostas dos professores, foi possível enquadrar nesta dimensão, com setenta e oito unidades de registo, as categorias *Professores outros Grupos Disciplinares (PGD)*, querendo significar o modo como o professor percepção a importância que os professores de outros grupos disciplinares lhe atribuem; *Alunos (ALU)* e *Funcionários da Escola (FES)* traduzido na percepção que o professor tem da importância que lhe atribuem os alunos e funcionários da escola; e *Comunidade Não Escolar (CNE)*, significando a percepção que o professor tem da importância que representa para a sociedade em geral.

Professores de Outros Grupos Disciplinares

Relativamente à primeira categoria, *Professores de Outros Grupos Disciplinares* e no que diz respeito à classificação das unidades de registo, verificámos que das vinte e cinco unidades de registo, onze são de sinal positivo, três de alguma indecisão e onze de sinal negativo, o que revela um equilíbrio nas opiniões que estes professores têm acerca desse reconhecimento por parte dos colegas de escola. Enquanto uns têm a percepção que os outros professores não reconhecem o seu valor, tratando-os como “os parentes pobres” do ensino, como pertencentes a uma “segunda linha” de educadores, outros percebem que existe, já, um reconhecimento do seu valor e um tratamento idêntico. Com efeito, vários estudos (Hendry, 1975; Templin e Schempp, 1990; Armour e Jones, 1998) comprovam a situação “periférica” dos professores de Educação Física, sendo estes desfavorecidos em termos de recompensas e de apoios ao seu trabalho ou em termos de percepção que outros professores deles fazem; e essas percepções sublinham habitualmente, o carácter não académico, anti-intelectual e periférico da disciplina que leccionam.

Relativamente às opiniões dos professores formados pelo INEF e pela EIEF, encontramos nesta subcategoria quatro registos, todos de tendência positiva o que revela a percepção da existência de um estatuto idêntico, embora alguns professores admitam

que existem ainda alguns colegas, sobretudo os mais velhos, que ainda têm dificuldade em encará-los da mesma forma. É esta a opinião da professora -E13- que considera, como podemos ler na unidade de registo de exemplo, que, apesar da situação estar bem melhor do que há trinta anos atrás, ainda existem professores que olham para a Educação Física de uma forma diferente, pensando que os professores de Educação Física são profissionais do entretenimento.

Quadro 2 - Professores de Outros Grupos Disciplinares (PGD) Instituto Nacional de Educação Física/ Escola Instrutores de Educação Física

S	UR	Sinal	Registo
E13	65	+	Agora acho que as coisas estão bem melhor, mas ainda há alguns professores, sobretudo os mais velhos que olham para a educação física de forma um pouco diferente pensando que ainda somos os profissionais do entretenimento. Achrom que não preparamos as aulas e que elas não obedecem a nenhuma estrutura. É correr e saltar...

O docente/sujeito -E2- refere, também, que a partir do momento, "(...) e à medida que os professores das outras áreas se aperceberam que os professores de Educação Física tinham também formação superior, começaram a mostrar outra consideração" (UR 8). Parece evidente que a questão da formação inicial é importante. O sujeito -E14- não tem dúvidas que isso foi um problema que afectou o reconhecimento do estatuto do grupo de Educação Física, isto porque, como diz: "(...) a falta de formação de alguns professores de Educação Física fez com que se olhasse para a disciplina com algum desdém... Mas agora acho que as coisas estão bem melhor, e já há menos professores com essa visão negativa..." (UR 69). Na realidade, este docente/sujeito alerta para uma questão importante a nível do estatuto profissional, relacionada com a falta de formação de alguns professores que leccionavam nas escolas até à década de oitenta, do século xx. Nessa altura, o aumento do número de agentes de ensino da Educação Física escolar, para responder ao défice existente pela expansão escolar então em marcha, foi-se fazendo através do recrutamento de indivíduos sem formação adequada ou com uma formação muito limitada no tempo, caso do curso de instrutores de Educação Física. Esta situação acabou por ameaçar a (re)qualificação da Educação Física escolar e introduziu instabilidade nas possibilidades de construção de interesses comuns aos agentes de Educação Física (Carvalho, 2002). De facto, o trabalho desenvolvido pelos professores formados pelo INEF e, posteriormente, nas instituições universitárias que lhe sucederam via-se prejudicado por docentes

sem uma formação própria e que dificilmente podiam entender e acompanhar o esforço de valorização e dignificação da Educação Física nas escolas portuguesas. Na verdade, as percepções dos professores formados pelos ISEF's, parecem revelar-se diferentes dos do INEF/ EIEF. Dos onze registos existentes nesta subcategoria, sete são de sinal negativo, três são de alguma indecisão e apenas um é de tendência positiva, o que demonstra que estes professores têm a percepção de que ainda são vistos como os "parentes pobres" do ensino e que ainda existem muitos professores de outras disciplinas que não reconhecem igual importância à acção dos docentes de Educação Física. A comprovar esta situação temos o testemunho do sujeito -E4- que afirma, como podemos ler na primeira unidade de registo no quadro abaixo, que o próprio tratamento dado pela direcção da escola atesta esse grau de menoridade.

Quadro 3 - Professores dos Outros Grupos Disciplinares (PGD) Institutos Superiores de Educação Física

S	UR	Sinal	Registo
E4	18	-	Ainda há alguns professores que nos olham como se fossemos um parente pobre. E esta situação que lhe vou dizer confirma isso. O presidente do Conselho Executivo disse-nos um dia destes assim: "você podem mudar os critérios de avaliação que quiserem, que esses critérios não passam no conselho pedagógico, porque não tenho sala de aulas para vos dar para realizarem testes".
E8	40	+	Sim! Parece-me que os colegas a partir do momento em que se aperceberam que a nossa formação é também superior e que as nossas práticas já não são o que eram, mudaram um pouco de postura. Mas há sempre excepções....

O sujeito -E1-, também colocando a tónica na falta de reconhecimento do professor e da disciplina de Educação Física, procura arranjar justificações para este facto: "se calhar nós, como professores de Educação Física, não sei se teremos culpa, mas dá-me ideia que alguma culpa poderemos ter, porque se calhar deveríamos ser mais cuidadosos na forma como gerimos a nossa actividade pedagógica (...)" (UR 2). Ou seja, mesmo em pleno século XXI, professores formados pelos ISEF's entendem que os professores de Educação Física não só são menos considerados relativamente aos das outras disciplinas como isso também resultava de uma menor preocupação pedagógica dos próprios docentes da área disciplinar em causa.

Os sujeitos -E7- e -E11- apresentam a mesma posição. Enquanto o segundo refere que ainda são considerados como professores de “segunda linha”, o primeiro reforça a opinião da -E4- no que diz respeito à questão da avaliação da disciplina, salientando que *“os professores em discursos formais e informais dizem que a disciplina de Educação Física é importante mas quando os professores de Educação Física tentam ser coerentes e dar as notas justas de acordo com o desempenho dos alunos muitas vezes são “obrigados” a alterar as notas com a alegação de que a disciplina não é assim tão importante e não se pode estragar as médias dos alunos”* (UR 36). Esta posição, de alguns professores de outras áreas em algumas reuniões de avaliação descrita pelo professor -E7-, revela-nos que ainda existe um pouco o estigma do final dos anos sessenta da disciplina ser um *não saber* que não era considerado para a progressão de estudos. Nessa altura, e apesar das alterações que iam decorrendo no seio da disciplina, ainda não existia uma completa equiparação de *status* entre os docentes e a disciplina de Educação Física com as tradicionalmente designadas *disciplinas nobres* e os professores destas. Mas, ao que parece, ainda permanece algum deste entendimento de menoridade da disciplina, no fim da primeira década do século XXI. A posição do professor -E10- reflecte um pouco esta realidade, quando afirma: *“a Educação Física é uma disciplina importante, porque contribui para o bem-estar e para a melhoria da condição física das crianças, mas depois não lhe é dada a mesma importância que é dada à História, à Matemática, etc...”* (UR 54).

O único registo de tendência claramente positiva é o do professor -E8-, presente no quadro 3, que destaca possuir um estatuto idêntico ao dos outros professores, devido ao reconhecimento da qualidade da sua formação e das suas boas práticas. Mas não é claro que esse reconhecimento se possa generalizar à maioria dos docentes da sua área. Pode bem acontecer que os outros professores o considerem como um igual naquela escola mas tal não é susceptível de traduzir um sentimento dos docentes de outras disciplinas sobre o grupo de professores de Educação Física no país ou mesmo numa determinada região.

No que diz respeito às percepções dos professores formados mais recentemente, encontramos nesta subcategoria oito registos, seis de tendência positiva e apenas dois de tendência negativa, o que parece revelar, contrariamente à posição dos que obtiveram a sua formação nos ISEF's, que têm a percepção de que, actualmente, possuem um estatuto idêntico aos dos outros professores, apesar de existirem, ainda, alguns destes que fazem questão de distinguir as disciplinas do *saber* e as do *não saber* apelidando o professor de Educação Física de professor de “ginástica”. É esta a percepção do professor -E6- que refere, como podemos ver na primeira unidade de registo exemplificativa, que felizmente esses professores conservadores que afir-

mavam que os professores de “ginástica eram bons para ensinar umas cambalhotas e uns saltos”, já não são muitos.

Quadro 4 - Professores Outros Grupos Disciplinares (PGD) - Institutos Superiores e Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física

S	UR	Sinal	Registo
E6	31	+	A mentalidade dos professores de outras áreas já está a mudar. Antes éramos o professor de ginástica que mandava dar umas cambalhotas e uns saltos, agora já somos o professor de Educação Física. Mas ainda há alguns, sobretudo os mais velhos, que pensam ainda que somos os da ginástica.
E3	14	-	Sinto um tratamento diferenciado por parte de alguns professores, e é engraçado, porque esse tratamento tem-se alterado ao longo dos anos, tem-se alterado aquela ideia do professor de ginástica, mas ainda há quem mande algumas bocas, mas como vozes de burro não chegam ao céu, geralmente nem comento.

Alguns destes docentes entrevistados manifestaram-se diminuídos quando designados como professores de ginástica. Marcada exactamente pela expressão “professora de ginástica” a professora -E9-, pensa de forma muito semelhante à do professor anterior, revelando que: “(...) actualmente o estatuto já é idêntico, mas nem sempre foi assim. Até há cerca de dez ou quinze anos atrás éramos apelidados de professores de ginástica” (UR 45).

Finalmente, o professor -E5-, considerando-se um professor privilegiado, justifica a igualdade com que é tratado com o facto de “para além de ser professor de Educação Física”, ser coordenador de departamento, coordenador do Desporto Escolar e director de turma, pelo que pensa ser por isso que: “os outros professores reconhecem o meu desempenho, já que estou constantemente na escola a trabalhar” (UR 24). Mas, tal como todos os outros professores entrevistados, afirma ter consciência que existem professores que ainda “(...) não consideram a Educação Física e o seu professor com um estatuto idêntico” (UR 26).

Das opiniões dos professores entrevistados provenientes dos Institutos Superiores ou das Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física, resulta claro que, apesar das mudanças nas últimas décadas, ainda persistem alguns professores de outras

áreas disciplinares que não reconhecem à Educação Física e aos seus professores a mesma importância que dão às disciplinas mais intelectuais.

Alunos

Relativamente à categoria *Alunos* e no que diz respeito à classificação das unidades de registo, verificámos que das quinze unidades de registo, onze são de sinal positivo, uma de alguma indecisão e apenas três são de sinal negativo, o que revela a percepção de um estatuto idêntico dos professores de Educação Física aos dos seus colegas de outras disciplinas, por parte dos alunos. No entanto, na maioria das unidades de registo pudemos verificar que os professores do nosso estudo confundem um pouco a questão do estatuto com a questão do gostar da disciplina.

No que diz respeito às opiniões dos professores formados pelo INEF e pela EIEF, encontramos, nesta categoria, quatro registos, três de tendência positiva e apenas um de alguma indefinição relativamente ao aspecto atrás referido, o que parece traduzir a percepção da existência de um estatuto idêntico. Como refere o sujeito -E2-, na unidade de registo exemplificativa, desde que a disciplina passou a ter algum peso na avaliação, os alunos passaram a dar-lhe uma atenção diferente.

Quadro 5- Alunos (ALU) - Instituto Nacional de Educação Física/ Escola Instrutores de Educação Física

S	UR	Sinal	Registo
E2	10	+	Os alunos e desde que a disciplina começou a contar para a média, deixaram-se de se baldar tanto e já lhe dão uma atenção diferente. Esta luta também já era do INEF, que sempre lutou pela posição de igualdade da disciplina. Aliás está provado que a própria Educação Física é benéfica não só do ponto de vista físico, mas também do ponto de vista psicológico e pode contribuir para um aumento do rendimento escolar.

Os outros professores formados pelo INEF, -E13- e -E14-, não se alongando muito nas suas afirmações, são também de opinião de que os alunos reconhecem ao professor de Educação Física um estatuto idêntico aos professores das outras disciplinas. Por sua vez a professora da EIEF, tendo dúvidas a este respeito, refere que “os alunos

gostam da disciplina, mas não sei se a entendem como tendo o mesmo estatuto” (UR 63). Da voz desta experiente professora sai uma afirmação que nos remete para o âmago da interpretação das respostas. Ela revela ter a certeza de que os alunos gostam da Educação Física mas tem dúvidas se colocam esta disciplina ao mesmo nível das outras.

No que diz respeito às percepções dos professores formados pelos ISEF’s, os resultados são mais equilibrados. Dos seis registos existentes nesta subcategoria, quatro são de sinal positivo e dois são de sinal negativo, mas uma análise mais atenta destas unidades de registo permite-nos afirmar que estes professores têm algumas dificuldades, também, em distinguir a igualdade de estatuto do gosto pela disciplina. Na realidade, pensamos que o gostar de frequentar a disciplina de Educação Física e gostar do docente não implica, necessariamente, reconhecer ao professor o mesmo estatuto em termos profissionais.

Quadro 6 - Alunos (ALU) - Institutos Superiores de Educação Física

S	UR	Sinal	Registo
E7	37	+	Os alunos inclusive gostam imenso de Educação Física e vêem-nos como uns professores “fixes”.
E11	58	-	Já tive alunos que me disseram na “cara” que podiam dar a nota que quisesse que essa nota não contava para nada. Portanto quando nos dizem isto também consideram o mesmo relativamente à sua importância.

De qualquer modo, também há a percepção entre os professores de Educação Física que nem sempre os alunos dão grande importância à sua acção. O professor -E11- menciona, como podemos ver na segunda unidade de registo, que tem alunos que não atribuem qualquer grau de importância à disciplina ou ao professor de Educação Física. O professor -E1-, a este respeito, é o que parece ter uma resposta mais lúcida, porque tem noção que os seus alunos apesar de gostarem de si e da disciplina não lhes atribuem tanta importância como às outras disciplinas e aos respectivos docentes. No que diz respeito às percepções dos professores formados mais recentemente, encontramos nesta categoria cinco registos, quatro de tendência positiva e apenas um de tendência negativa. Os seus registos têm uma orientação muito idêntica à dos professores dos ISEF’s e revelam, também, alguns equívocos relativamente à questão do estatuto e do gosto pela disciplina. A afirmação do professor -E6- é bem elucidativa disso, como podemos ver na primeira unidade de registo de exemplo.

As opiniões dos professores E3- e -E5- apontam no mesmo sentido. Alguns dos entrevistados são mais clarividentes. O professor -E15-, como podemos verificar na segunda unidade de registo de exemplo, revela que apesar de os alunos gostarem da disciplina não lhe reconhecem a mesma importância.

Quadro 7 - Alunos (ALU) - Institutos Superiores e Faculdades de Ciências do Desporto e Educação Física

S	UR	Sinal	Registo
E6	33	+	Os alunos reconhecem-nos, porque normalmente até é a disciplina e o professor que gostam mais.
E15	74	-	Os alunos, acho que não, apesar de gostarem, na sua maioria, da disciplina.

Por vezes, também, estes entrevistados tendem a não discernir entre importância, exigência, avaliação e estatuto. A afirmação da professora -E9-, ao afirmar que “os alunos começam a ter noção da sua importância, porque sentem na “pele” o grau de exigência” (UR 596), parece traduzir um tanto esta indefinição conceptual. Sem ignorarmos que a questão do poder é relevante nesta percepção do estatuto, não nos parece que esta deva ser interpretada apenas em função duma maior “exigência” dos professores de Educação Física.

Funcionários da Escola

Relativamente à terceira categoria *Funcionários da Escola (FES)*, e no que diz respeito à classificação das unidades de registo, verificámos que existe uma quase total concordância de sentido nas dezasseis unidades de registo, já que apenas uma reflecte a percepção de um estatuto diferenciado.

Quadro 8 - Funcionários da Escola (FES)

S	UR	Sinal	Registo
E7	38	+	Os funcionários vêm-nos de forma um pouco diferente, porque já nos reconhecem um papel, dentro da escola, de intervenção e de dinamização.
E9	47	+	Com os funcionários nunca vi nenhuma atitude que mostrasse essa diferença de estatuto.
E14	70	+	Por parte dos funcionários nunca senti diferenças.

Relativamente às opiniões dos professores formados pelo INEF e pela EIEF, os quatro registos são muito idênticos e todos, inclusive a primeira unidade de registo de exemplo, reflectem a percepção do reconhecimento de um estatuto idêntico dos docentes de Educação Física aos das outras áreas disciplinares, por parte dos funcionários da escola. Também os seis professores dos ISEF's, respondendo de uma forma assertiva, afirmam esse reconhecimento, como podemos ver na primeira unidade de registo de exemplo, devido ao seu papel de intervenção e de dinamização na escola.

Já os professores formados mais recentemente mostram uma maior diversidade de respostas. Das seis unidades de registo, quatro são de sinal positivo, uma é de alguma indefinição e uma é de sentido negativo. Enquanto os professores -E3- e -E9-, como podemos verificar na segunda unidade de registo, alinham pelo discurso dos professores anteriores, o professor -E15- refere que estes funcionários também o vêem como "parente pobre" dos professores e ilustra essa sua afirmação com um exemplo: *"ainda há pouco tempo um funcionário me perguntou se um professor de Educação Física ganhava tanto como os outros professores* (UR 75).

Por vezes, os docentes entrevistados confundem a percepção do seu estatuto pelos funcionários com a relação com eles. O professor -E5- afirmando, também, a existência de um estatuto idêntico, justifica-o com a maior proximidade estabelecida com os funcionários na sua relação profissional diária. Diz ele expressamente: *"temos uma relação mais próxima, conseguimos conversar com os funcionários, enquanto que os outros professores não o fazem"* (UR 28); e conclui referindo que: *"temos uma maneira de estar diferente... Aliás, se calhar, esta proximidade iniciou-se devido, um pouco, à marginalização do professor de Educação Física há anos atrás"* (UR 29). Essa relação não prova que os funcionários tenham a ideia que os professores de Educação Física têm a mesma importância que os das outras disciplinas. Significa apenas que se dá maior contacto e se desenvolve uma relação mais intensa. Mas esta última afirmação é interessante, na medida em que este professor explica a aproximação aos funcionários, pelo facto do professor de Educação Física ter sido marginalizado pelos outros professores há anos atrás.

4. Conclusões

O ensino da Educação Física em Portugal demorou a ser integrado nas escolas públicas e a credibilizar-se face a outras disciplinas escolares. Na verdade, a disciplina de Educação Física e os seus professores foram menos considerados do que as disciplinas e os docentes de outras áreas presentes no sistema escolar, durante praticamente todo o século XX. De facto, só com a formação do INEF passou a haver mais unifor-

midade na profissão, com um modelo de formação único, pelo menos até à criação das Escolas de Instrutores de Educação Física. Todavia, convém ter presente que as transformações foram lentas pelo que, até meados da década de setenta do século XX, o *status* profissional dos professores de Educação Física caracterizava-se por não estar ao mesmo nível dos docentes de disciplinas mais intelectuais.

Da análise das entrevistas realizadas, e sinteticamente apresentada nas páginas anteriores, poderemos verificar que há alguns aspectos que reúnem mais consenso ou mais atenção do que outros. Um dos aspectos mais consensuais, prende-se com o facto, da maioria dos professores de Educação Física considerar que os seus alunos reconhecem o seu valor como docentes dessa disciplina. Contudo, a leitura destes resultados tem de ser realizada com algumas reservas, porque parece-nos que os professores do nosso estudo confundem por vezes o estatuto profissional com o gosto pela disciplina. O facto dos professores de Educação Física terem a percepção que os alunos gostam e valorizam a disciplina que eles leccionam não é o mesmo que atribuírem a mesma importância relativamente às de pender mais intelectual. O mesmo poderíamos dizer sobre o que entendem ser o posicionamento dos funcionários. É verdade que há entre os professores de Educação Física um consenso sobre a importância que lhes atribuem os funcionários da escola, já que existe uma quase total concordância de sentido positivo nas unidades de registo. Mas isso não significa que os funcionários os vejam com o mesmo estatuto dos professores das outras disciplinas. A análise permite ver que existe maior contacto e uma relação mais próxima dos professores de Educação Física com os funcionários mas tal constatação não permite concluir que estes tenham aqueles com um estatuto idêntico aos docentes de línguas, de matemática ou de ciências.

Menos consensuais são os resultados referentes à importância que os professores de Educação Física pensam ser-lhes atribuída pelos professores de outros grupos disciplinares. Com efeito, no primeiro caso, enquanto uns professores, sobretudo os formados pelos ISEF's, têm a percepção que os outros colegas de profissão não reconhecem o seu valor tratando-os como "os parentes pobres" do ensino ou pertencentes a uma "segunda linha" de educadores, outros há que percebem a existência de um reconhecimento do seu valor e um tratamento idêntico. Note-se que estes resultados são consentâneos com os estudos recentes desenvolvidos por Martins (2010) e Cortesão (2010) que apontam no mesmo sentido. Martins, por exemplo, apurou que 42% dos professores de outros grupos disciplinares considera ser menos prejudicial faltar a uma aula de Educação Física do que faltar a uma aula de outra disciplina. Isto significa que o ensino da Educação Física ainda não é tido como tão importante como as disciplinas mais clássicas e intelectuais, pelo que também será

normal que os seus docentes sintam ainda que nem sempre são tão considerados quanto os das outras disciplinas. De qualquer modo, muito se alterou das primeiras décadas do século XX para o fim dessa centúria e para a primeira década do século seguinte. Hoje, os professores de Educação Física inserem-se num quadro legal e têm responsabilidades como qualquer outro docente de qualquer outra disciplina. Alguns até ocupam cargos mais elevados da organização escolar. Mas este estudo também revela que não basta mudar as leis para mudar a percepção sobre um grupo profissional. Alguns dos docentes entrevistados revelaram consciência disso e não excluíram o menor cuidado e empenho de alguns dos seus pares para que ainda permaneça uma ideia de minoridade da disciplina de Educação Física entre alguns dos actores educativos e principalmente entre os colegas das outras áreas.

5. Referências Bibliográficas

- Armour, K., Jones, R. (1998). *Physical Education Teacher's Lives and Careers*. London: Farmer Press.
- Bardin, L. (1977). *L'analyse de contenu*. Paris: PUF.
- Barros, J. (1959). Da Situação do Professor de Educação Física. *Boletim INEF*, 1 (XX), 32-33.
- Bento, J. (1986). Acerca do papel do professor de Educação Física. *Horizonte*, 13, 3-7.
- Berelson, B. (1971). *Content analysis in Communication Research*. New York: Hafner Publ. Co.
- Brás, J. (1996). Metamorfoses na formação de professores de Educação Física. *Boletim SPEF*, 14, 47-54.
- Carvalho, L. (2002). Sobre o status da disciplina da Educação Física na década de sessenta: fragmentos de um estudo histórico-organizacional. *Boletim SPEF*, 21/22, 55-85.
- Cohen, L., Manion, L. (1990). *Métodos de Investigação Educativa*. Madrid: La Muralla.
- Cortesão, M. (2010). *Clima Escolar, Participação Docente e Relação entre os Professores de Educação Física e a Comunidade Educativa*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Costa, F., Jacinto, J., Bom, L., Januário, C. (1982). A Educação Física Escolar. ...Uma questão em aberto. ...Um debate necessário. *Ludens*, 2 (6), 5-12.
- Crespo, J. (1976). A formação de professores de Educação Física. Alguns dados históricos. *Ludens*, 1 (1), 29-36.
- Crespo, J. (1992). A Educação Física. A Reestruturação de uma identidade. *Horizonte*, 48, 217-222.
- Cunha, A. (2007). *A Educação Física em Portugal. Os desafios na Formação de Professores*. Lisboa: Editora Estratégias Criativas.
- Dionísio, P. (2001). *A Educação Física em Portugal no Ensino Secundário em Portugal, no ano lectivo de 1974/75*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Dubar, C. (1997). Formação, Trabalho e Identidades Profissionais. In R. Canário, (org.) *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora, 43-52.
- Faria, A. (1960). A Profissão do Professor de Educação Física. *Boletim INEF*, 2 (xxi), 191-208.

- Feio J. (1974). *Desporto e Política*. Lisboa: Portugália Editora.
- Ferrariotti, F. (1986). *Sociologia*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Ferreira, A. G. e Moreira, J. A. M. (2010). A auto-estima profissional dos professores de Educação Física em Portugal, *Exedra, Revista Científica*, 4, pp. 65-80.
- Fonseca, A. (1959). A Educação Física no Ensino Liceal. *Boletim INEF*, 1 (xx), 17-18.
- Garcia, R., Queirós, P. (1999). A Educação Física Escolar e os novos valores - Compreensão da Educação Física à luz das mutações axiológicas da nossa sociedade neste final de milénio. *Ludens*, 1 (16) 23-26.
- Gomes, R. (1991). Poder e Saber sobre o Corpo - A Educação Física no Estado Novo (1936-1945). *Boletim SPEF*, 2/3, 109-138.
- Hendry, L. (1975). Survival in a marginal role: the professional identity of the physical education teacher. *British Journal of Sociology*, 26 (4) 465-476.
- Holsti, O. (1969). *Content analysis for the social sciences and humanities*. Boston: Addison Wesley.Hill.
- Januário, C. (1995). Um conceito para a Educação Física. *Horizonte*, 66, 203-207.
- Kelchtermans, G. (1993). Getting the story, understanding the lives: from career stories to teacher's professional development. *Teaching and Teacher Education*, 9, (5), 443-456.
- Kelchtermans, G., VANDENBERGHE, R. (1994). Teacher's professional development: a biographical perspective. *Journal of Curriculum Studies*, 26, (1), 45-62.
- Krippendorff, K. (1980). *Content analysis*. London: Sage.
- Martins, I. (2010). *Clima de Escola, Participação e Identidade- Um olhar sobre a disciplina e o professor de Educação Física*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Coimbra: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Miles, M., HUBERMAN, A. (1994). Drawing valid meaning from qualitative data: toward a shared craft. *Educational Researcher*, 13 (5), 20-30.
- Nunes, E. (1995). Objectivando a formação de professores de Educação Física. *Ludens*, 3 (15), 8-14.
- Oliveira, A. (1963). Alguns Problemas da Educação Física e Desporto Mundiais. *Boletim INEF*, 2 (xxiv), 109-121.
- Pujadas Munoz, J. (1992). *El método biográfico: el uso de las histórias de vida en ciencias sociales*. Madrid: CIS.
- Rosário, A. (1996). *O Desporto em Portugal. Reflexo e Projecto de uma Cultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Serra, P. (2000). *A Educação Física em Portugal nos Anos que Antecederam o 25 de Abril*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Coimbra: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.
- Sobral, F. (1992). A Educação Física na Escola e na Sociedade: Crise e Transfiguração. *Boletim SPEF*, 5/6, 9-16.
- Templin, T., SCHEMPP, P. (1990). The problematic nature of a career in a marginal subject. *Journal of Education for Teaching*, 16, 3-28.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In SILVA, A. e PINTO, J. (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Résumé

Malgré quelques efforts honorables, l'enseignement de l'éducation physique au Portugal a eu difficulté à s'imposer comme une discipline dans le programme général et à être correctement valorisé par des personnes autres que ses professionnels. En fait, pendant presque tout le *xxe* siècle, la discipline de l'éducation physique et ses enseignants a été envisagé avec un statut «périphérique» par rapport à d'autres disciplines et d'autres enseignants.

Face à des changements dans les dernières décennies, nous croyons intéressant d'étudier comment les enseignants d'éducation physique perçoivent le statut qui leur est reconnu par les enseignants d'autres disciplines et aussi par ses élèves, le personnel de l'école et la communauté non-scolaire.

En utilisant une méthodologie de nature qualitative, l'étude a porté sur un groupe de quinze enseignants. Ceux-ci ont différentes formations de base dans le domaine de l'éducation physique obtenues dans les institutions les plus remarquables du Portugal, qui ont existé depuis la fin des années 40 jusqu'à la fin du vingtième siècle.

Nous concluons qu'il existe une certaine imprécision et le manque de consensus de la part des autres acteurs par rapport au statut des professeurs d'éducation physique. Certains enseignants, notamment ceux formés par l'ISEF, ont la perception que les autres professeurs et la communauté non-scolaire ne reconnaissent pas sa valeur en les traitants comme des «parents pauvres » de l'éducation qui appartiennent à une "seconde ligne" des éducateurs. Autres perçoivent l'existence d'une reconnaissance de sa valeur et de l'égalité de traitement. Plus consensuelles semblent être les perceptions concernant la compréhension des élèves et du personnel. De ce fait notre étude tend à montrer que les enseignants d'éducation physique estiment que ces-la leur attribuent un statut similaire à ceux des enseignants d'autres matières.

Mots-clé: L'éducation physique, les professeurs, le statut professionnel.

Abstract

Despite some worth mentioning initiatives, Physical Education teaching in Portugal was late unveiled and recognised by others than the ones directly involved in it. In fact, during most of the 20th century, both the subject and the teachers were clearly considered to have a peripheral statute, particularly when compared to their professional peers. Considering the changes of the last decades, we found pertinent to analyse how the Physical Education teachers perspective the statute that is attributed to them by teachers of other subjects, and also by their students, school staff and general community. For the purpose of this analysis, we used a qualitative methodology focusing our study in a group of fifteen teachers with varied degrees in Physical Education,

and graduated by some of the most renowned colleges in Portugal since the 1940s until the end of the 20th century. We concluded that there is some indefinición regarding what the other teachers thought about the statute of Physical Education teachers. Some of the teachers, namely those graduated by colleges - ISEF (College for Physical Education)-, insight that their fellow teachers and general community do not recognise their true value and treat them as the "poor relatives" of education, therefore relegating them to a "second line" of educators. Nevertheless, there are those others who percept and recognise their value and treat them as equal. More consensual, however, seem to be their perceptions about the understanding that students and school staff have, for our study demonstrated that the Physical Education teachers feel that those ascribe them a statute identical to the teachers of other subjects.

Key-words: Physical Education; Teachers, Socio-Professional Statute